

## O SATÍRICO NAS CRÔNICAS DE STANISLAW PONTE PRETA

João Batista Ernesto de MORAES\*

### INTRODUÇÃO

Sérgio Porto, criador de Stanislav Ponte Preta, iniciou-se no jornalismo como crítico de cinema no **Jornal do Povo**, de propriedade de Aparício Torelli, o Barão de Itararé; em seguida, foi para a revista **Sombra**, e desta passou para o jornal **Diário Carioca**. Foi no **Diário** que veio à luz o ilustre personagem Stanislav Ponte Preta. Passou depois pelos jornais **Última Hora** e **Diário da Noite**; foi também colaborador das revistas **Mundo Ilustrado**, **Fatos e Fotos** e **O Cruzeiro**, além da especializada **Revista de Música Popular**.

Mas a sua atuação não se restringiu apenas a esses jornais e revistas: trabalhou no rádio, onde começou em 1950 na Rádio Mayrink Veiga; foi roteirista de cinema, tendo, inclusive, escrito o roteiro do filme **As Cariocas**, lançado em 1968; trabalhou ainda no que ele chamava de “a máquina de fazer doido”: a televisão. Além do **Stanislav Ponte Preta Show**, que ele próprio apresentava, produziu vários programas televisivos e participou de noticiários como redator e apresentador.

Sérgio porto foi o continuador de uma tradição satírica iniciada, no século XX, não por acaso, pelo seu primeiro patrão, Aparício Torelli. O Barão

---

\* Departamento de Biblioteconomia e Documentação - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP- 17515-901 - Marília - SP.

de Itararé, pseudônimo de Torelli, testemunhou e comentou grande parte da história do Brasil na primeira metade deste século, desde a Revolução de 30, passando pelo Estado Novo (quando Torelli foi detido e esteve preso junto com Graciliano Ramos) até a reeleição de Getúlio Vargas em 1950.

O Barão de Itararé ficou também conhecido pela criação de máximas, como a que diz: “Cada Jânio com a sua mania”.

Stanislaw Ponte Preta segue a trilha aberta pelo Barão de Itararé: criação de expressões, sátira a figuras públicas e um forte apelo popular. Depois da morte de Sérgio Porto, este caminho foi seguido em parte, até onde a censura permitiu, pelos redatores do **Pasquim**, na década de 70.

Os anos oitenta nos trazem as publicações **Casseta Popular** e **Planeta Diário**, que, em sua fase pré-Global, faziam um trabalho bem elaborado de sátira, com altas doses de invenção, mas ligados com seus antecessores. Ainda na década de 80, surge também o Macaco Simão, personagem criado pelo cronista José Simão, da **Folha de São Paulo**. Podemos considerar o Macaco Simão como o legítimo herdeiro de Stanislaw Ponte Preta, até porque este cronista serve-se de algumas criações de Stanislaw utilizadas em suas crônicas.

## A SÁTIRA

Abordaremos neste trabalho o livro de Stanislaw Ponte Preta intitulado **Primeiro Festival de Besteira que Assola o País - FEBEAPÁ**, lançado em 1966. O livro é composto de duas partes segundo o seu autor:

A primeira parte tem pretensões de ser mais uma reportagem do que uma coletânea de crônicas (...) e a segunda, onde vai uma coleção de crônicas e casos do cotidiano, sem compromisso com a realidade nua e crua (Ponte Preta, 1981, p. 27-28)

Dentre as duas partes do livro, optamos pela “realidade nua e crua” da primeira parte, porque é justamente neste pedaço da obra que estão os elementos de sátira que mais nos interessam justamente por tratarem de aspectos da vida política nacional.

Segundo João Adolfo Hansen (1991) “a sátira é um subgênero do cômico como maledicência, ocupando-se de vícios que causam horror”. No texto em questão, Stanislaw Ponte Preta ocupa-se em difamar os homens públicos não por causa de sua improbidade administrativa, mas por conta de um outro vício: a falta de inteligência.

A respeito do emissor da sátira falaremos mais adiante, quando abordarmos a figura da “persona” satírica. Quanto ao objeto da sátira, o autor deixa bem claro já no primeiro parágrafo do livro:

É difícil ao historiador precisar o dia em que o Festival de Besteira começou a assolar o País. Pouco depois da “redentora”, cocorocas de diversas classes sociais e algumas autoridades que geralmente se dizem “otoridades”, sentindo a oportunidade de aparecer, já que a “redentora”, entre outras coisas, incentivou a prática do dedurismo (corruptela do dedodurismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo enfim, como corrupto ou subversivo - alguns apontavam dois dedos duros para ambas as coisas) , iniciaram essa feia prática, advindo daí cada besteira que eu vou te contar (Ponte Preta, 1981, p. 9).

É curioso o fato do autor batizar o seu livro de **Festival de Besteira que Assola o País**. Ora, um festival pressupõe uma modalidade de competição mais ou menos organizada, onde os participantes têm a pretensão de aparecer com algum destaque; pode-se perceber uma certa conotação positiva. Porém, ao instituir um festival cuja modalidade de competição é a “besteira”, cria-se uma nova significação para a palavra, subvertendo o sentido original e adicionando-lhe um sentido inverso. Podemos perceber aí mais uma das características da sátira: o mundo pervertidamente às avessas, onde o que deveria ser o “caos” pode ser organizado dentro de alguns limites, como explica o autor:

O resumo abaixo foi feito na coluna ‘Fofocalizando’, publicado no vespertino **Última Hora**, junto com as crônicas que motivaram a série de livros. São apenas tópicos colhidos pela agência informativa ‘Pretapress’ - a maior do mundo, porque nela colaboram todos os leitores de Stanislaw - e aqui lembrados sem a menor preocupação de exaltar este ou aquele membro do **FEBEAPÁ**. Vão na base da bagunça, para

respeitar a atual conjuntura, e sua ordem é apenas cronológica (Ponte Preta, 1981, p. 10).

E a forma de organização introduz um elemento diferente na maneira do autor conduzir a sua sátira aos costumes nacionais. Se pensarmos em Lima Barreto, por exemplo, podemos perceber melhor estas diferenças.

Em Lima Barreto temos a criação de lugares (**Estados Unidos da Bruzundanga**) e de personagens (Numa Pompílio) para retratar, de forma extremamente satírica, as elites dominantes do país e sua falta de projetos nacionais.

Em Stanislaw Ponte Preta temos duas diferenças básicas em relação a Lima Barreto: Stanislaw não lança mão de um lugar imaginário onde se passa a ação, nem todos os seus personagens são totalmente ficcionais; o espaço é bem definido, é o Brasil concreto, real, com personagens do cenário nacional, com seus verdadeiros nomes. Observemos alguns exemplos:

O secretário da Segurança de Minas Gerais, um cavalheiro chamado José Monteiro de Castro - grande entusiasta do Festival de Besteira - proibia (já que fevereiro ia entrar) que mulher se apresentasse de perna de fora em bailes carnavalescos “para impedir que apareçam fantasias que ofendam as Forças Armadas”. Como se perna de mulher alguma vez na vida tivesse ofendido as armas de alguém! (Ponte Preta, 1981, p. 11).

O senhor Juraci Magalhães tomava posse no Ministério das Relações Exteriores. A tônica de seu discurso era “continuar a obra de Vasco Leitão da Cunha”. Continuar a obra de Vasco Leitão da Cunha era uma boa maneira de dizer que não estava pretendendo fazer nada (Ponte Preta, 1981, p. 18).

Pode-se observar que os espaços estão bem delimitados (Minas Gerais, Ministério das Relações Exteriores) bem como as personagens envolvidas estão devidamente identificadas: José Monteiro de Castro, Juraci Magalhães e Vasco Leitão da Cunha.

Podemos citar outro exemplo, tirado da crônica “O informe secreto”, em que o cronista diz o seguinte:

O episódio abaixo, para evitar mau-olhado, vamos logo explicando, caso tenha semelhança com pessoa viva ou morta é mera coincidência. Ainda com o devido cuidado, vamos colocá-lo num certo país da América Latina que eu nem quero saber o nome (Ponte Preta, 1981, p. 31).

É uma estratégia tipicamente cômica, a de negar para melhor afirmar aquilo que se quer dizer, pois um “certo país da América Latina que eu nem quero saber o nome”, só pode ser, com certeza, o Brasil.

A outra diferença básica é que Stanislaw utiliza-se de uma abordagem aparentemente jornalística para dar voz aos elementos satirizados. Geralmente ele toma falas de algumas autoridades e as transcreve, entre aspas, como numa notícia de jornal. Pode-se até lançar a questão: a simples transposição de uma fala de alguém constitui-se num elemento literário?

A resposta é sim, pois o autor não reproduz de maneira fiel todas as declarações, como se as tivesse gravado. Antes, pinça-as de um determinado contexto e as reescreve de acordo com outras conveniências, revitalizando-as em uma nova situação de sátira, o que caracteriza a criação literária. Vejamos alguns exemplos:

O ministro da (que Deus nos perdoe) Educação, Sr. Suplicy de Lacerda, que viria a se tornar um dos mais eminentes membros do Festival, reunia a imprensa para explicar aquilo que o coleguinha Néelson Rodrigues apelidou de óbvio ululante. Disse que ia diminuir os cursos superiores de cinco para quatro anos. E acrescentou: “Agora, os cursos que tinham normalmente cinco anos passam a ser feitos em quatro. Não é bacaninha?” (Ponte Preta, 1981, p. 10).

Segundo Tia Zulmira “o policial é sempre suspeito” e - por isto mesmo - a policia de Mato Grosso não é nem mais nem menos brilhante do que as outras policias. Tanto assim que um delegado de lá terminou um relatório sobre um crime político

com estas palavras: “A vítima foi encontrada às margens do rio Sucuriu, retalhada em quatro pedaços, com os membros separados do tronco, dentro de um saco de aniagem, amarrado e atado a uma pesada pedra. Ao que tudo indica parece afastada a hipótese de suicídio (Ponte Preta, 1981, p. 17).

O riso provocado pela leitura do texto é o riso de zombaria, ou seja, é aquele riso que exclui, que impossibilita a identificação entre o satirista e o objeto de sua sátira. É interessante notarmos que Stanislaw Ponte Preta não escolhe como alvo nenhuma personagem em especial, mas várias personagens que, não por acaso, estão ligadas com o poder. Parece óbvio que seu objetivo principal seja o ataque aos militares que tinham destituído o presidente eleito, João Goulart, e assumido o poder. Mas Stanislaw em nenhum momento ataca diretamente o golpe ou os militares, refere-se ao golpe apenas de passagem, chamando a revolução de a “redentora”, o que já é bastante irônico e certamente não precisa de maiores comentários.

Como resultado, temos o que poderíamos chamar de sátira “metonímica”, ou seja, ao atacar facetas do poder, o cronista acaba por atacar indiretamente o poder central.

Para não dizer que nenhuma referência é feita ao poder central, podemos encontrar a seguinte passagem:

O cidadão Airton Gomes de Araújo, natural de Brejo Santo, Ceará, era preso pelo 23 Batalhão de Caçadores, acusado de ter ofendido “um símbolo nacional”, só porque disse que o pescoço do Marechal Castelo Branco parecia pescoço de tartaruga, e logo depois desagravava o dito símbolo quando declarava que não era o pescoço de S. Exa. que parecia com o da tartaruga: o da tartaruga é que parecia com o de S. Exa. (Ponte Preta, 1981, p. 24).

A passagem transcrita é a típica construção de uma caricatura, onde um aspecto da aparência física de uma pessoa é destacado e distorcido para gerar um efeito cômico. O processo que o autor usa para fazer a caricatura o exime de qualquer responsabilidade direta com o fato: ele usa a figura de um personagem que não sabemos se é verdadeiro ou não.

---

## PERSONA SATÍRICA

Quando um autor produz textos satíricos não é incomum confundir-se a figura do criador com a figura do narrador ou da “persona satírica”. Tanto isto é verdade que Gregório de Matos ainda é apresentado como alguém de costumes dissolutos, farrista, temperamental e, segundo HANSEN (1991) “há método e racionalidade na confecção de efeitos de desmedida e desequilíbrio da *persona*, sendo redutor propô-las como próprias da personalidade do autor.”

Desta forma, devemos considerar a persona satírica como um “ator móvel” construído com base em convenções retóricas, isto é, retoma temas, processos, tensões que são recorrentes.

A criação da *persona* Stanislaw Ponte Preta segue um processo singular. O prefácio do primeiro livro de Stanislaw, *Tia Zulmira e Eu*, é feito pelo próprio Sérgio Porto, afirmando:

De fato Stanislaw Ponte Preta foi criado junto comigo e, praticamente, é meu irmão de criação. Moramos na mesma casa, tivemos a mesma infância e muitas vezes comemos no mesmo prato. Hoje, no entanto, embora vivendo ambos do jornalismo, já não somos tão ligados: raramente nos vemos, poucos são os nossos gostos comuns e acredito que seria uma temeridade da minha parte se continuasse companheiro fraterno do irrequieto autor deste livro, nas suas andanças e intemperanças por este mundo de Deus.(...) O leitor há de - por força - compreender o quanto é comprometedora, para um jornalista modesto e que tem esperanças de ser levado a sério, a companhia constante de amigo tão atrabiliário (Ponte Preta, 1968, p. 8).

O criador vem a público desvencilhar a sua imagem de sua criatura para que não paire nenhuma dúvida quanto à identidade de um e de outro: Stanislaw é irrequieto, atrabiliário, irreverente; ao passo que Sérgio Porto é um “jornalista modesto e que tem esperanças de ser levado a sério”. Poderíamos até dizer que temos aí o retrato e seu negativo que, apesar de serem um na essência, são dois na aparência.

Mas o processo não se esgota aí. A grande diferença de Sérgio Porto e sua criação é que o próprio Stanislaw se incumbem, por sua vez, de criar outras *personas* satíricas, de acordo com suas conveniências. Assim, temos uma família: Tia Zulmira, Primo Altamirando, Rosamundo, Bonifácio Ponte Preta.

Para tia Zulmira, Stanislaw reserva as opiniões mais ácidas e contundentes. Vejamos:

- Segundo tia Zulmira 'o policial é sempre suspeito'. Comentário que introduz uma nota sobre uma ação da polícia (Ponte Preta, 1968, p. 17).

- Meu filho, tá na cara, embora eu esteja dizendo isto em sentido figurado. Não tá na cara não, mas "escavações para tuberosidades isquiáticas" só pode ser porta-nádegas, afirma ela após o cronista comentar uma portaria do Ministério do Trabalho que sugeria que os comerciários tivessem a seu dispor assentos com "escavações para as tuberosidades isquiáticas (Ponte Preta, 1968, p. 36).

-A melhor vacina para controle de natalidade era a que eu adotava no meu tempo. (...) Cada um dormia num quarto (Ponte Preta, 1968, p. 110).

- Certos padres, quando pedem para Deus, estão querendo para Dois (Ponte Preta, 1968, p. 117).

Primo Altamirando, ou somente Mirinho, é apresentado como o escroque da família, sempre disposto a dar um golpe em qualquer pessoa. Stanislaw conta que, certa vez, um parente rico morreu; quando Mirinho já ia colocar a mão no dinheiro deixado pelo falecido no cofre, descobriu-se que a última vontade do falecido era ser enterrado com seu dinheiro. Ajeitado o dinheiro no caixão, Mirinho ficou inconformado e pensando um jeito de pegar a herança para si. Na hora de fechar o caixão, o esperto rapaz tira todo o dinheiro, coloca um cheque no lugar e diz que se o defunto precisar de dinheiro ele poderá descontar o cheque.



Opiniões de Stanislaw a respeito de Mirinho:

-Ora, o Mirinho vocês conhecem e, se não conhecem, perguntem na polícia, que lá eles sabem (Ponte Preta, 1968, p. 65).

- Nefando parente (Ponte Preta, 1968, p. 135).

- Abominável parente (Ponte Preta, 1968, p. 66).

Stanislaw classifica Rosamundo como o distraído da família. Na crônica “O correr dos anos” o cronista nos conta que, certa vez, Rosamundo ficou muito impressionado com a inauguração da Adutora do Guandu, construída para garantir o abastecimento de água até o ano 2000, segundo as autoridades. Porém, ao chegar em casa e deparar-se mais uma vez com a falta de água, Rosamundo limitou-se a exclamar:

- Puxa, como os anos passaram depressa! (Ponte Preta, 1968, p. 127).

E por fim temos Bonifácio Ponte Preta, classificado por Stanislaw como o patriota da família. A respeito dele temos a seguinte afirmação:

Mesmo subindo a ladeira ele conseguia marchar, enquanto assoviava baixinho o hino dos Dragões da Independência (Ponte Preta, 1968, p. 53).

A criação destes vários personagens permite ao cronista se resguardar quando é necessário emitir opiniões que poderiam comprometer a sua imagem num tempo de extremo autoritarismo e permite, também, que haja uma maior leveza no texto, evitando o cansaço que a presença constante de uma só “persona” poderia causar.

## CONCLUSÃO

A sátira política costuma florescer nos momentos em que há uma maior repressão política. Assim atestam as obras de Lima Barreto, Barão de Itararé, o pessoal do Pasquim, só para ficarmos no século XX.

A figura de Stanislaw Ponte Preta teve o seu auge justamente depois do golpe militar de 1964, que cassou o presidente João Goulart e colocou o país numa ditadura que durou vinte e um anos. A figura de Stanislaw era popular porque ele conseguia captar e traduzir o pensamento daquele ser inefável que os políticos freqüentemente chamavam de povo. Não por acaso, o jornal onde ele escrevia, “Última Hora” fundado por Samuel Wainer, tinha um forte apelo popular.

Mas, afinal que tipo de riso suscitam as crônicas de Stanislaw Ponte Preta?

É o riso de zombaria, aquele riso de escárnio, que exclui completamente a possibilidade de identificação entre o satirista e o objeto da sátira. Esta é a chave de seu sucesso. Certamente os seus leitores deveriam sentir-se vingados por mais uma vez estarem excluídos do processo de escolha dos rumos do país e, não podendo protestar abertamente, satisfaziam suas frustrações rindo dos poderosos com Stanislaw.

Pois são justamente estes o objeto principal da sátira, é principalmente a fala dos representantes do poder que o cronista cita, torcendo suas falas para extrair delas próprias todo o seu material de trabalho.

A linguagem de Stanislaw, aliás, é um dos grandes destaques da obra e certamente merece uma maior atenção. Podemos, como efeito ilustrativo, mencionar a “interferência das séries” como um dos recursos empregados pelo autor para conseguir o efeito cômico desejado. Segundo Bergson, a definição para a interferência das séries é:

Uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos absolutamente diversos (1980, p. 54)

Ao referir-se aos governadores estaduais, Stanislaw classifica-os de “governadores escalados”, introduzindo uma terminologia tipicamente utilizada no futebol. Ora, quem escala alguém é o técnico do time, sem consultar qualquer pessoa, da mesma forma que os governadores eram indicados pelo governo federal sem nenhum tipo de consulta à população.

Em outro texto, Stanislaw refere-se a um mendigo nos seguintes termos:

Seu João é um mendigo muito digno que exerce o seu mandato na Igreja de São Paulo Apóstolo (Ponte Preta, 1968, p. 139).

A ironia neste caso é finíssima: o autor aproxima o fato de o mendigo ficar sentado, à toa, na porta de uma igreja, esmolando, com a ação dos políticos do Legislativo, ou seja, exercer o mandato e nada fazer o dia inteiro é a mesma coisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, H. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- HANSEN, J. A. *Anatomia da sátira*. (Conferência apresentada na FCL - UNESP Araraquara em 1991)
- PONTE PRETA, S. *Primeiro Festival de Besteira que Assola o País - FEBEAPÁ I*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- PONTE PRETA, S. *Tia Zulmira e eu*. Rio de Janeiro : Sabiá, 1968.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia no século XVII*. São Paulo : Cia das Letras/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.